



## Caim decreta a morte de Deus

**PALAVRAS-CHAVE:** Teologia, literatura, José Saramago, Caim, Deus.

**KEY WORDS:** Theology, literature, José Saramago, Cain, God.

Deus não é de confiança. Que Deus é este que para  
enaltecer Abel despreza tanto Caim?  
(José Saramago<sup>1</sup>)

Se ao longo de sua obra, Saramago vai diretamente ou indiretamente cutucando o caráter nada santo de Deus por meio de falas de personagens ou revistando episódios bíblicos, se n' *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*<sup>2</sup>, revela um Jesus humano vítima de Deus cruel, se havia revistado antes em vários de seus romances episódios do Velho Testamento, em 2009 publica o romance *Caim*, no qual um autor ateu e deícida cria um personagem deícida. Se n' *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), o autor mata Deus, em *Caim* (2009), ele vela o cadáver de Deus e depois crema suas cinzas. Quase vinte anos separam uma obra da outra. Quando defendi minha tese de doutoramento em 2002, tinha certeza absoluta que Saramago encerraria sua carreira com uma obra em diálogo com a Bíblia. Eu estava certa.

Cabe lembrar que o episódio de Caim e Abel já havia sido revisitado, ainda que rapidamente no livro *ESJC*, quando o narrador tenta ali redimir o primeiro homicida bíblico.

Ao revistar o reaproveitar agora o episódio para um romance inteiro, Saramago utiliza-se da intertextualidade com a Bíblia, supondo *um leitor ruminante* na acepção de Machado

<sup>1</sup> <http://www1.ionline.pt/conteudo/20301-caim-e-abel-segundo-jose-saramago>, consultado em 28/01/2012

<sup>2</sup> Utilizaremos no presente estudo as seguintes edições e siglas: *Terra do Pecado – TP* (Lisboa: Caminho, 1999, 6.ª ed.); *Levantado do Chão – LC* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993, 4.ª ed.); *Memorial do Convento – MC* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993, 11.ª ed.); *História do cerco de Lisboa – HDCL* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 4.ª reimp.); *O Evangelho Segundo Jesus Cristo – ESJC* (São Paulo: Companhia das Letras, 1992, 5.ª reimp.); *A Jangada de Pedra – AJP* (São Paulo: Companhia das Letras, 1992, 6.ª reimp.); *O Ano da Morte de Ricardo Reis – OAMRR* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 1.ª reimp.); *In Nomine Dei – IND* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993); *As Intermitências da Morte – AIM* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005) *Caim – C* (São Paulo: Companhia das Letras, 2009)

de Assis em *Esau e Jacó*<sup>3</sup>, um leitor que a exemplo do leitor do *ESJC*, conheça a Bíblia, especialmente o Gênesis, porque ali estão situados os principais episódios do romance: a queda de Adão e Eva, o assassinato de Abel por Caim, o Dilúvio, a Torre de Babel, a destruição de Sodoma e Gomorra, a prova de fé de Abraão e o quase sacrifício de Isaac. Tanto no *ESJC*, como em *Caim*, seu alvo é Deus.

Observemos que as resenhas por ocasião do lançamento de *Caim* apontam para o Deus do Velho Testamento:

Neste novo romance, o vencedor do prêmio Nobel José Saramago reconta episódios bíblicos do Velho Testamento sob o ponto de vista de Caim, que, depois de assassinar seu irmão, trava um incomum acordo com deus e parte numa jornada que o levará do jardim do Éden aos mais recônditos confins da criação.

**Se, em O Evangelho segundo Jesus Cristo, José Saramago nos deu sua visão do Novo Testamento, neste Caim ele se volta aos primeiros livros da Bíblia, do Éden ao dilúvio, imprimindo ao Antigo Testamento a música e o humor refinado que marcam sua obra.** Num itinerário heterodoxo, Saramago percorre cidades decadentes e estábulos, palácios de tiranos e campos de batalha, conforme o leitor acompanha uma guerra secular, e de certo modo involuntária, entre criador e criatura. No trajeto, o leitor revisitará episódios bíblicos conhecidos, mas sob uma perspectiva inteiramente diferente.<sup>4</sup>

Por ocasião do lançamento de *Caim*, o autor afirmou sobre a polêmica que a obra causaria:

Alguns talvez o façam, mas o espetáculo será menos interessante. **O Deus dos cristãos não é esse Jeová.** E mais, os católicos não leem o Antigo Testamento. Se os judeus reagirem não me surpreenderei. Já estou habituado.

**Mas é difícil para mim compreender como o povo judeu fez do Antigo Testamento seu livro sagrado. Isso é uma enxurrada de absurdos que um homem só seria incapaz de inventar. Foram necessárias gerações e gerações para produzir esse texto.**<sup>5</sup>

O autor recebeu muitas críticas, que por si só dariam outro capítulo neste nosso estudo. Embora isto fuja de nosso interesse neste momento, cabe citar a declaração do deputado social democrata do parlamento europeu Mário David, que após o lançamento do livro, afirmou que Saramago deveria renunciar depressa a sua cidadania portuguesa<sup>6</sup>. Interessante observarmos um detalhe curioso. Em vários livros o autor usa epígrafes de livros inexistentes para a abertura dos seus romances. Mas em *Caim*, o faz de uma forma diferente. Ele cita Hebreus 11:4, conhecido pelos cristãos como – a *galeria da Fé*:

<sup>3</sup> Machado de Assis em *Esau e Jacó* afirma: “O leitor atento, verdadeiramente ruminante, tem quatro estômagos no cérebro, e por ele faz passar e repassar os atos e os fatos, até que deduza a verdade que estava, ou parecia estar escondida – (Assis, 1962:1019).

<sup>4</sup> <http://www.baixedetudo.net/download-livro-caim-jose-saramago>, consultado em 28/01/2012. Todos os negritos usados nas citações no corpo do texto e nas citações destacadas do texto são da autora. Quando o negrito pertencer ao autor da citação, será esclarecido logo em seguida.

<sup>5</sup> <http://www1.ionline.pt/conteudo/20301-caim-e-abel-segundo-jose-saramago>, consultado em 28/01/2012.

<sup>6</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u640738.shtml>, consultado em 12/02/2012.

Pela fé, Abel ofereceu a Deus um sacrifício melhor do que o de Caim. Por causa de sua fé, Deus considerou-o seu amigo e aceitou com agrado as suas ofertas. E é pela fé que Abel, embora tenha morrido, ainda fala. (Hebreus 11:4)

Eis aqui o humor que aparece com acento bem maior que no *ESJC*. O negrito é nosso, mas a caixa alta é do autor. A *Galeria da Fé* de Hebreus 11:4 transforma-se no *Livro dos Disparates*, para o ateu no absoluto gozo de sua sanidade mental<sup>7</sup>.

Se no *ESJC*, a palavra Deus ainda é escrita em letra maiúscula, agora, com ele já morto, durante o velório do seu corpo e cremação do mesmo em *Caim*, a palavra Deus é escrita com minúscula. Não só a palavra deus, mas adão, eva, caim e abel, todos minúsculos, fábulas e ficções.

### 1.1 Eva: A mãe da filosofia – *Melhor louca que medrosa*

Recordamos que em *O ano da Morte de Ricardo Reis*, Saramago já havia questionado o absurdo da expulsão de Adão e Eva, narrada no Gênesis. Por aquela releitura é Deus quem é expulso do paraíso, já que fica sozinho no Éden e terá que procurar companhia fora dele quando quiser. O paraíso é um inferno de solidão perdida na floresta da humanidade. Em *Memorial do Convento*, também a expulsão é revisitada: Adão por um só pecado teve o acesso negado à árvore da vida, já os seus descendentes continuaram a dela desfrutar.

O narrador já nos informa no primeiro capítulo de *Caim* que já havia tratado de delicados assuntos de religião no passado (*ESJC*) e Deus estava irado porque havia se esquecido de colocar a língua no primeiro par de humanos, que ele poucas visitas fazia ao casal e grande questão:

Em segundo lugar, brada aos céus a imprevidência do senhor, que se realmente não queria que lhe comessem do tal fruto, remédio fácil teria, **bastaria não ter plantado a árvore, ou ir pô-la noutro sítio, ou rodeá-la por uma cerca de arame farpado.** (Saramago, 2009:13)

A ironia do narrador em *Caim* vai marcar este romance: Deus se esquece da língua e também de colocar umbigo no casal, portanto, cria uma obra imperfeita, depois concerta, aponta para a longevidade absurda de Adão que teria quase morrido afogado no Dilúvio já que viveu 930 anos, neste caso, tendo, praticamente, vivido uma eternidade na terra como simples mortal. Por outro lado, Adão e todos os humanos, teríamos ficado com este pedaço de maçã engasgado na garganta, que *não sobe nem desce*, por toda nossa estória.

A primeira aparição de Deus ao casal é uma entrada triunfal, à maneira de um general romano:

<sup>7</sup> Nesta mesma entrevista, o autor afirma que não considera esse romance seu particular e definitivo ajuste de contas com Deus, porque “as contas com Deus não são definitivas, mas sim com os homens que O inventaram. Deus, o demônio, o bem, o mal, tudo isso está em nossa cabeça, não no céu ou no inferno, que também inventamos. Não nos damos conta de que, tendo inventado Deus, imediatamente nos tornamos seus escravos.”

Anunciado por um estrondo de trovão, o senhor fez-se presente. Vinha trajado de maneira diferente da habitual, segundo aquilo que seria, talvez, a nova moda imperial do céu, com uma coroa tripla na cabeça e empunhando o ceptro como um cacete. **Eu sou o senhor, gritou, eu sou aquele que é.** (ibid.: 16)

Reproduziremos aqui parte do diálogo que difere da intertextualidade direta com o Gênesis. A imagem de Deus durante o interrogatório é assustadora e irônica: Deus olha Adão, sua voz é colérica, brande o ceptro ameaçadoramente. Assim como no Gênesis, a maldição maior cai sobre Eva e o Senhor não esconde seu ódio por ela:

**Que fizeste tu, desgraçada (...)** Falsa, mentirosa, não há serpentes no paraíso, (...) **E que fizeste, mulher perdida, mulher leviana (...)** tu, Eva, não só sofrerás todos os incômodos da gravidez, incluindo os enjoos, como parirás com dores, e não obstante sentirás atracção pelo teu homem, e ele mandará em ti, (ibid.: 18)

Eis aí o castigo da Prometeu de saias, que ousou roubar o fogo dos deuses para doá-lo aos humanos. O Jeová do Velho Testamento nunca gostou de mulheres, muito menos do prazer sexual, a tal ponto que sua mãe no futuro, Maria, gerará um filho (que é Jeová encarnado) sem a mácula do sêmen masculino, sem o uso de sua vagina. Pobre Maria, meramente uma barriga de aluguel, que concebeu sem ter sequer amado! Eva é amaldiçoada três vezes, enquanto Adão deveria lavrar a terra com o suor do seu rosto. O narrador sente pena do casal do paraíso que é lançado ao inferno de uma terra inóspita: *Pobre eva, mísero adão.* Deus o expulsa, porque agora são como deuses, e não pode haver dois deuses no universo.

O casal peregrina por uma terra desabitada, o narrador se retira e o diálogo entre Adão e Eva é tenso, quando ela resolve que vai pedir ao querubim que vigia a entrada do jardim, algumas frutas do Éden:

Sobre o que o senhor possa ou não possa, não sabemos nada, Se é assim, **teremos de o forçar a explicar-se, e a primeira coisa que deverá dizer-nos é a razão por que nos fez e com que fim, Estás louca, Melhor louca que medrosa,** Não me faltes ao respeito, gritou adão, enfurecido, eu não tenho medo, não sou medroso, Eu também não, portanto estamos quites, não há mais que discutir, Sim, mas não te esqueças de que quem manda aqui sou eu, Sim, foi o que o senhor disse, concordou eva, e fez cara de quem não havia dito nada. (ibid.: 22)

Aí está Eva, fundando a filosofia, Eva se tornou *como um de nós*, já que o texto bíblico informa que *no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.* Eva, o prometeu de saias hebraico, quer saber porque afinal foram criados. Não conhece o medo, louca pode ser, medrosa nunca. A Adão talvez caiba a fundação da Teologia, ele crê e fé não exige argumentos nem explicações. Não duvida, não raciocina. No diálogo com o anjo, Eva se mostra perspicaz quando pede as frutas. Também observemos que o autor atualiza com muito humor a linguagem bíblia. Eva informa que comeram ervas e que o casal tem *diarréia, caganeira.* Eva sorri e então o narrador, à maneira do deuteronomista bíblico, marca o texto com uma série de silêncios, ele não revela tudo. Azael

concorda em buscar os frutos no Éden para dar a Eva, porém antes, coloca a mão no seio de Eva, e ela coloca sua mão sobre a mão do querubim. A espada do anjo treme com este contato. Noutra dia outro diálogo com Adão e Eva, Azael informa que eles não eram os únicos do planeta e que sua criação não passava de um experimento, e *que os designios do senhor são inescrutáveis*. O querubim é piedoso e misericordioso para o primeiro casal, dá-lhe o fogo, e os caminhos para se juntarem a uma caravana. Deus havia esquecido suas criaturas que nem sequer sabiam ou tinham instrumentos para arar a terra. Eva abraça o anjo e chora na despedida. Aqui nasce a desconfiança de Adão, tal como José do *ESJC* que desconfiava de Maria e do outro Anjo...

O terceiro capítulo do romance se inicia com uma insinuação do narrador que talvez explique o assassinato futuro de Abel. Ao descrever o casal, o narrador informa:

Tirando o facto de serem filhos do senhor, (...) dir-se-ia até que pertenciam todos à mesma rala, cabelos pretos, pele morena, olhos escuros, sobrancelhas acentuadas. Quando **abel** nascer, **todos os vizinhos irão estranhar a rosada brancura com que veio ao mundo, como se fosse filho de um anjo, ou de um arcanjo, ou de um querubim, salvo seja.** (ibid.: 57)

Esta dúvida explicitada pelo narrador talvez ajude o leitor deste Caduco Testamento manchado de sangue, a entender porque Deus rejeitava os frutos de Caim e aceitava as oferendas de carne de Abel. Caim seria filho de Adão e Eva, portanto humano, e Abel, filho de Eva e Asael, portanto divino. Eva recordava-se de Asael...

## 1.2 Deus e Caim Matam Abel

Adão e Eva entram numa caravana, trabalham, aprendem a lavrar a terra, nascem Abel e Caim: *Abel tinha o seu gado, caim o seu agro*. Um preferia a pecuária, outro a agricultura. Como já conhecido do relato do Gênesis, Deus aceita as ofertas de Abel e não as de Caim. Saramago reforça esta preferência inexplicável. Reforça o caráter zombeteiro de Abel que joga na cara do irmão ser o preferido de Deus: “E sempre a falta de piedade de Abel, os dichotes de Abel, o desprezado de Abel.” (ibid.: 33) Caim o atrai para uma cilada, e a golpes de queixada de jumento, mata Abel.

Só então o Senhor, que não havia se preocupado com a sorte dos pais deles, aparece trajando cetro e coroa tripla. O narrador se retira, e temos um diálogo dramático que vale a pena reproduzir:

Que fizeste com o teu irmão, perguntou, e caim respondeu com outra pergunta, Era eu o guarda-costas do meu irmão, Mataste-o, Assim é, mas o primeiro culpado és tu, eu daria a vida pela vida dele se tu não tivesses destruído a minha, Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pôr à prova o que tu mesmo criaste, **Sou o dono soberano de todas as coisas**, E de todos os seres, dirás, mas não de mim nem da minha liberdade, Liberdade para matar, **Como tu foste livre para deixar que eu matasse Abel quando estava na tua mão evitá-lo, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infabilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria**

que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a minha oferenda com humildade, só porque não deverias atrever-te a recusá-la, os deuses, e tu como todos os outros, têm deveres para com aqueles que dizem ter criado, Esse discurso é sedicioso, É possível que o seja, mas garanto-te que, se eu fosse deus, todos os dias diria **Abençoados sejam os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra**, Sacrilégio, Será, mas em todo o caso, nunca maior que o teu, que permitiu que Abel morresse, **Tu é que o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti**, O sangue que aí está não o fiz verter eu, caim podia ter escolhido entre o mal e o bem, se escolheu o mal pagará por isso, Tão ladrão é aquele que vai à missa como o que fica a vigiar o guarda, disse caim, E se esse sangue reclama vingança, insisti tu deus, Se é assim, vingar-te-ás ao mesmo tempo de uma morte real e de outra que não chegou a haver, Explica-te, **Não gostarás do que vais ouvir, Que isso não te importe, Fala, É simples, matei Abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto**, Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim, embora devesses carregar com todos os crimes cometidos em seu nome ou por sua causa, Deus está inocente, tudo seria igual se não existisses, Mas eu, quando matei, poderei ser morto por qualquer pessoa que me encontre, Não será assim, farei um acordo contigo, Um acordo com um réprobo, perguntou caim, mal acreditava no que acabara de ouvir, **Diremos que é um acordo de responsabilidade partilhada pela morte de Abel**, Reconheces então a tua parte de culpa, **Reconheço, mas não digas a ninguém, será um segredo entre deus e caim (...)** (ibid.: 34-35)

Este diálogo tenso entre Deus e Caim parece um eco perfeito do diálogo entre Jesus e Deus na cena da barca d'*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. A pena magnífica de Saramago concede uma riqueza de detalhes ímpar com relação à narrativa bíblica do Gênesis 4:4-16, que é mais enxuta, nem por isto menos rica, já que insinua muito do que relata:

E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura; e atentou o SENHOR para Abel e para a sua oferta.

**Mas para Caim e para a sua oferta não atentou.** E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante.

E o SENHOR disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante?

Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele deves dominar.

E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou.

E disse o SENHOR a Caim: Onde está Abel, teu irmão? E ele disse: **Não sei; sou eu guardador do meu irmão?**

E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra.

E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão.

Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra.

Então disse Caim ao SENHOR: **É maior a minha maldade que a que possa ser perdoada.**

Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua face me esconderei; e serei fugitivo e vagabundo na terra, e será que todo aquele que me achar, me matará.

O SENHOR, porém, disse-lhe: Portanto qualquer que matar a Caim, sete vezes será castigado. E pôs o SENHOR um sinal em Caim, para que o não ferisse qualquer que o achasse. E saiu Caim de diante da face do SENHOR, e habitou na terra de Node, do lado oriental do Éden.<sup>8</sup>

A Bíblia é um documento religioso, mas antes disto é excelente literatura, com seu discurso engenhoso, sintaxe expressiva, ambiguidades e silêncios comprometedores que também exige um *leitor ruminante*. Relata-nos enredos cruéis como este do primeiro homicídio com um agravante: entre irmãos, motivado pela preferência inexplicável de Jeová por um deles. Ressaltamos que há problemas sérios entre irmãos na Bíblia, principalmente os gêmeos: Abel e Caim, Esaú e Jacó.

Trazemos aqui uma consideração importante feita por Giovanni Papini em sua obra *O Diabo*:

**Mas a narrativa de Lactancio faz pensar que o outro espírito, igualmente dotado, era o secundogênito do Pai: o futuro Satã, seria destarte nada menos que o irmão mais novo do futuro Jesus Cristo. E Satã não teria sido invejoso do homem – como sustentaram S. Cipriano, S. Ireneu e S. Gregório de Nissa–, mas invejoso sim do próprio irmão.** (Papini, 1954: 93-94)

Antecedendo aos problemas de inveja entre os irmãos Caim e Abel, Esaú e Jacó, há outro mais grave: o primogênito Jesus e o *secundogênito* Lúcifer. Não se pode desvincular a arte literária do peso religioso deste livro. E como há crimes, incestos, tragédias e injustiças neste livro, levando Robert Alter em *A Arte da Narrativa Bíblica* a firmar que *A Divina Comédia* é mais teológica do que a Bíblia (1981, p. 38). No texto bíblico, Caim não diz que é responsável pela morte do irmão e tenta negociar com Deus até conseguir, além da maldição, uma proteção e uma marca especial. No romance de Saramago, Caim, habilidoso com o seu dom da linguagem, acusa Deus, aceita que matou Abel, que foi o braço executor, mas que a sentença tinha sido ditada por Deus, portanto ambos, criador e criatura são responsáveis pelo crime infame. Deus, talvez triste por ter concertado a falha de não ter dado a língua a Adão e Eva, reconhece a culpa e partilha da mesma com Caim. Mas o mais grave vem agora: Caim não queria matar Abel, queria matar Deus, como não podia fazer isto, matou seu irmão.

Na paródia riquíssima de Saramago ao Gênesis, o crime maior de Caim não foi matar Abel, já que só executou a vontade de Deus, mas sim a intenção de matar Deus e afirma isto ao enunciar, *pela intenção estás morto*. A paródia é perfeita, marcando a diferença em vez da semelhança. Neste Velhíssimo Testamento não é Deus que se arrepende de criar o homem, mas sua criatura que quer matá-lo e conseguirá mais tarde ao destruir toda a criatura da face da terra.

Em *Caim*, Deus marca o seu cúmplice na testa com uma mancha negra, sinal de sua proteção, o condena a ser errante no mundo. Ao encerrar este capítulo do romance o narrador informa que o Senhor havia feito uma péssima escolha para a inauguração do Jardim

<sup>8</sup> <http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/4>, consultada em 19/01/2012, negritos nossos.

do Éden, numa espécie de roleta russa, no *tiro ao alvo de cegos*, onde todos tinham perdido. Caim havia cruzado o Rubicão: *Alea jact est*.

### 1.3 Lilith: *Não sou mulher para remorsos*

O fraticida e deicida Caim caminha solitário por lugares descampados com a certeza de que Deus e ele eram assassinos que dividiam uma culpa eterna. Agora cumpre sua sina de ser errante no mundo e no tempo. Encontra-se com um velho que leva duas ovelhas atadas por um barão e que lembra um oráculo, com frases enigmáticas e premonitórias. Este lhe informa que havia chegado à terra de Nod – *terra da fuga ou terra dos errantes*. Mais tarde Caim chegará a pensar que este velho era o próprio Senhor.

Chega à primitiva cidade Nod e se identifica pelo nome do irmão – Abel. Trabalha como pisador de barro e fica sabendo que a senhor daquelas terras é uma Senhora: Lilith, mulher de Noah, linda, rica, *enferma de desejo*, dona do palácio e da cidade: “Diz-se que é bruxa, capaz de endoidecer um homem com seus feitiços.” (Saramago, 2009: 51)

Lilith se apaixonou por Abel, o homem que veio do poente e o ordena que deixe o cargo de pisador de barro e passe a viver no Palácio. Caim passa por uma iniciação sexual entre as escravas de Lilith. Abel, melhor Caim, torna-se amante de Lilith - a sensual e devoradora de homens - e passa a ser o porteiro do quarto dela, o porteiro do sexo de Lilith, seu *boi de cobrição, grande especialista em ereções e ejaculações*.

O narrador informa que “lilith, quando finalmente abriu as pernas para se deixar penetrar, não estará a entregar-se, mas sim a tratar de devorar o homem a quem disse, Entra.” (ibid.: 59)

Observemos algumas informações sobre o mito de Lilith:

Lilith figura como um demônio da noite nas escrituras hebraicas (Talmud e Midrash). Lilith é, também, referida na Cabala como a primeira mulher de Adão, sendo que em uma passagem (Patai 81:455f), ela é acusada de ser a serpente que levou Eva a comer do fruto proibido. No folclore popular hebreu medieval, ela é tida como a primeira esposa de Adão, que o abandonou, partido do Jardim do Éden por causa de uma disputa, vindo a tornar-se mãe dos demônios. De acordo com certas interpretações da criação humana em Gênesis, no Velho Testamento, reconhecendo que havia sido criada por Deus com a mesma matéria prima, Lilith rebelou-se, recusou-se a “ficar sempre em baixo durante as suas relações sexuais”. Na modernidade, isso levou a popularização da noção de que Lilith foi a primeira mulher a rebelar-se contra o sistema patriarcal<sup>9</sup>.

Um excelente estudo realizado por Barbara Black Koltuv, denomina-se *O Livro de Lilith*, do qual retiramos a citação abaixo:

Lilith, o demônio feminino de longos cabelos (...) Ela é uma força, um poder, uma qualidade, uma renegada. Um Espírito Livre. Odeia ser contida pelo Verbo (...) A maioria dos relatos a

<sup>9</sup> <http://www.portalpower.com.br/lilith-a-primeira-mulher-de-adao-omitida-pela-igreja/>, consultado em 29/01/2012.

respeito de Lilith aparecem no Zohar, uma obra cabalística do século XIII, escrita por homens preocupados em acautelar outros homens contra seus poderes (...)

Lilith, um irresistível demônio feminino da noite, de longos cabelos, sobrevoa as mitologias suméria, babilônica, assíria, Cananéia, persa, hebraica, árabe e teutônica. (...) Entre os semitas da Mesopotâmia, ela ficou conhecida como *Lilith*, que, mais, tarde, ao confabular com *layil* (a palavra hebraica para noite), tornou-se Lilith, um demônio noturno que agarra os homens e as mulheres que dormem sozinhos, provocando-lhes sonhos eróticos e orgasmos noturnos. No século VIII a.C., na Síria, Lilith, o súcubo foi associada a uma outra figura demoníaca que, anteriormente, tivera uma existência à parte: Lamashtu, a bruxa assassina de crianças. Sob essa forma, Lilith, a Estranguladora Alada, tornou-se conhecida, em todo o mundo como os nomes de a Dama de Pernas de Asno, a Diaba Raposa, a Sugadora de Sangue, a Mulher Devassa, a Estrangeira, a Fêmea Impura, o Fim de Toda a Carne, O Fim do dia, bruha, strega, bruxa, feiticeira, raptora, maga. Associada à serpente, ao cão, ao asno, à coruja, à emissão de horríveis sons noturnos, e considerada a alma de todo ser vivo que rasteja, ela foi a primeira mulher de Adão, a fêmea do Leviatã, a mulher de Samael, o Diabo,(..) a rainha de Sabá (...) e até mesmo a esposa do próprio Deus, durante o tempo que Shekhina esteve no exílio. (Koltuv, 1997: 13-14)

Foi esta Lilith, cujo nascimento remonta à anterioridade dos tempos, esta mulher que se apresenta como uma força contrária à bondade e masculinidade de Deus, mesmo sendo igual em grandeza, que Saramago foi buscar para ser, não a mulher de Adão, mas a mulher de Caim.

Frisamos que o autor inicia sua produção romanesca com uma mulher sexualmente castrada, uma eunuca no reino de Deus e dos machos, a Leonor de *Terra do Pecado*, e termina sua obra romanesca com uma mulher que é a sexualidade em seu estado mais brutal e primitivo: Lilith - a devorada de homens. Lilith, a amante de Caim, é a anti-Leonor em todos os aspectos, devora homens com seu órgão sexual e desconhece o pudor e a culpa.

Passam noites de prazer e orgasmos, Lilith, pele de romã, de figo e de mel, é insaciável em seus desejos e Caim vive pálido como uma sombra. Caim livra-se de uma emboscada, amaldiçoa os homens que tentam matá-lo a mando de Noah, invocando a proteção do Senhor (a espada dos salteadores transforma-se numa cobra), encontra-se novamente com o velho que afirma que Caim o verá até o final dos seus dias. Noah o marido é estéril e sofre calado diante dos prazeres dos amantes, porque quer ter um filho que leve o seu nome, mesmo que não seja dele. Lilith se revolta ao saber do atentando contra Caim que lhe informa que não pode ser morto. Ele confessa ser um assassino de irmão para Lilith e revela que não se chama Abel. Ela pede satisfações a Noah, o humilha e exige a morte do escravo traidor e seus comparsas. Ela quer matar o marido, plano que Caim não aceita porque já tem a sua cota de mortes nas costas.

Lilith, tal como Blimuna e Madalena, faz uma revisão de Deus. Analisemos o diálogo entre ela e Caim:

Não, respondeu ela, vejo em ti um homem a **quem o senhor ofendeu**, e, agora que já sei como realmente te chamas, vamos para a cama, arderei aqui mesmo de desejo se não me acodes, foste o abel que conheci entre os meus lençóis, agora és o caim que me falta conhecer. (Saramago, 2009: 67)

Para Lilith, o Senhor ao preferir os sacrifícios e ofertas de Abel, ofendeu a Caim. Podemos afirmar que *Caim* é um romance, antes de tudo, ginocrático, com grandes personagens femininas como Eva, Lilith e a mulher de Ló. Observemos o diálogo dentre o casal de amantes, no momento em que *a louca, a desvairada*, revela seu plano de matar o marido Noah:

Absurdo, porquê, ficaríamos livres dele, casaríamos, tu serias o novo senhor da cidade e eu a tua rainha e a tua escrava preferida, aquela que beijaria o chão por onde tu passasses, **aquela que, se fosse necessário, receberia nas suas mãos as tuas fezes**, E quem o mataria, Tu, Não, lilith, não mo peças, não mo ordenes, já tenho a minha parte de assassínios, Não o farias por mim, não me amas, perguntou ela, entreguei-te o meu corpo para que o gozasses sem conta, nem peso, nem medida, para que desfrutasses dele sem regras nem proibições, abri-te as portas do meu espírito antes trancadas, e recusas-te a fazer algo que te peço e que nos traria a liberdade plena, Liberdade, sim, e remorso também, **Não sou mulher para remorsos, isso é coisa para fracos, para débeis, eu sou lilith, E eu sou apenas um caim qualquer que veio de longe, um matador do seu irmão, um pisador de barro que, sem ter feito nada para o merecer, teve a sorte de dormir na cama da mulher mais bela e mais ardente do mundo, a quem ama, quer e deseja em cada poro do seu corpo.** (ibid.: 69)

Caim não concorda com sua amante. Mais tarde, ela anuncia que está grávida. O filho é de Caim, mas efetivamente será filho do Noah. Caim é errante, nada o detém, nem mesmo seu amor por Lilith. Ele precisa acertar contar com Deus e parte em busca do destino, viajante no tempo, concertando erros de episódios do Velho Testamento:

Depois de dez anos viajando para outros presentes, passados e futuros, Caim retorna à terra de Nod e reencontra Lilith, aquela que é todas as mulheres ao mesmo tempo. Relata-lhe seu dom de viajar pelo tempo, faz a ela um sumário de tudo o que tinha visto e ouvido. Mesmo amando Lilith e tendo um filho – Henoc – Caim não permanece ali, precisava terminar sua missão...

#### 1.4 Caim: no túnel do tempo do velho testamento

Na década de sessenta ficou famoso o seriado de ficção científica intitulado *The Time Tunnel, O Túnel do Tempo*, produção da Fox. O enredo girava em torno de dois cientistas Doug Phillips (Robert Colbert), e Tony Newman (James Darren), que viajavam por meio de um túnel para épocas passadas, sem conseguir voltar para o presente e sem alterar os fatos do passado. Eram monitorados por uma equipe do presente que se esforçava para trazê-los de volta e tirá-los de situações críticas, num monstruoso laboratório que ficava no subterrâneo de um deserto dos Estados Unidos, ao custo de 7 bilhões de dólares. Em momentos complicados da história (afundamento do Titanic, assassinato de John Kennedy), eram

retirados daquele tempo e viajavam por meio do teletransporte para outro tempo. Havia a possibilidade de viajarem para o futuro também.

Caim é antes de tudo, um errante das eras e da fé: viaja primeiramente para o futuro, e depois para o passado daquele futuro. Enquanto os cientistas da série americana viajavam teletransportados dentro de um túnel, Caim viaja de jumento, entrando e saindo de uma era para outra. Sai de uma paisagem seca e desértica, e, como numa divisão, chega à outra paisagem cheia de água, frutas e nuvens. Ele próprio desconfia que algo está diferente, como se houvesse *dois tempos, presentes passados e presentes por vir*.

O primeiro futuro visitado por *Caim* é do tempo por vir de Abraão. Destacaremos só as passagens que divergem do texto bíblico, porque Saramago usa textualmente muitas falas bíblicas na íntegra. Entendemos serem estas viagens e a revisitação que Caim faz aos principais episódios do Velho Testamento, o clímax do romance.

No relato de Gênesis 22:1-19, o quase sacrifício de Isaac por Abraão é solicitado por Deus, como prova de fé. No último momento há uma intervenção por meio do Anjo do Senhor que impede que o Pai mate seu único filho, o chamado *filho da promessa*. Por este ato de loucura, ou ato genuíno de fé segundo os cristãos, Abraão entra com um amplo verbete na *Galeria da Fé* de Hebreus 11 e é conhecido pelos cristãos como o *Pai da Fé*, já que não negou a Deus seu único filho, e por Saramago como *Livro dos Disparates*.

O texto de Saramago informa que *o senhor não é uma pessoa em quem se possa confiar*, pela simplicidade com que pede este ato insano a Abraão, como se fora algo banal. A revisão do deuteronomista Saramago é violenta, classificando Abraão de *desnaturado pai*. No momento supremo da prova de fé, não é o Anjo do Senhor da Bíblia que chega para salvar Isaac, mas sim, o assassino Caim: Desfrutemos do texto:

O lógico, o natural, o simplesmente humano seria que abraão tivesse mandado o senhor à merda, mas não foi assim (...)

Quer dizer, além de tão filho da puta como o senhor, abraão era um refinado mentiroso, pronto a enganar qualquer um com a sua língua bífida, que, neste caso, segundo o dicionário privado do narrador desta história, significa traçocira, pérfida, aleivosa, desleal e outras lindezas semelhantes. (...)

Acto contínuo, empunhou a faca para sacrificar o pobre rapaz e já se dispunha a cortar-lhe a garganta quando sentiu que alguém lhe segurava o braço, ao mesmo tempo que uma voz gritava, **Que vai você fazer, velho malvado, matar o seu próprio filho, queimá-lo, é outra vez a mesma história, começa-se por um cordeiro e acaba-se por assassinar aquele a quem mais se deveria amar, Foi o senhor que o ordenou, foi o senhor que o ordenou, debatia-se abraão, Cale-se, ou quem o mata aqui sou eu, desate já o rapaz, ajoelhe e peça-lhe perdão, Quem é você, Sou caim, sou o anjo que salvou a vida a isaac. Não, não era certo, caim não é nenhum anjo, anjo é este que acabou de pousar com um grande ruído de asas e que começou a declamar como um actor que tivesse ouvido finalmente a sua deixa, Não levantes a mão contra o menino, não lhe façam nenhum mal, pois já vejo que és obediente ao senhor, disposto, por amor dele, a**

não poupar nem sequer o teu filho único, **Chegas tarde, disse caim, se isaac não está morto foi porque eu o impedi.** (ibid.: 80)

Eis como Saramago trata Abraão, o ancestral comum do Judaísmo (13 milhões), Cristianismo (2 bilhões) e Islamismo (1,2 bilhão): um assassino frio e irracional. Bruce Feiler em seu livro *Abraão – Uma Jornada ao coração de três religiões*, alcunha Abraão como *umbigo do mundo*. Após resumir a trajetória do Patriarca que teria tentado matar o filho mais novo e expulsado o mais velho para o deserto, pergunta: “Seria este o modelo de santidade, **o legado de Abraão, a pessoa estar preparada para matar por Deus**” (Feiler, 2003: 23).

Feiler aponta Deus como o grande antagonista de Abraão. A prova de fé é tão monstruosamente inumana, que o crítico comenta:

Em vez e elevar Abraão aos céus, aquele incidente traz Deus à terra. Abraão tornar-se o ator e Deus, o reator. (...) Abraão torna-se parceiro de Deus. O humano torna-se inumano; o descrente torna-se deiforme (...) **Abraão pertence a Deus, agora Deus, de certa maneira pertence a Abraão. Daí em Diante, para todo o sempre, Deus será mencionado como o Deus de Abraão.** (ibid.: 95, itálico do autor)

Segundo o estudioso, com este ato Abraão torna-se Deus, e Deus passa a ser pertença de um humano. Já o narrador de *Caim* considera tanto o Senhor como Abraão dois grandes *filhas da puta*. Caim, o revisor de Jeová, vê no assassinato de Isaac, a repetição do assassinato de Abel. Percebe entre Abraão e o Senhor, a mesma cumplicidade que houve entre ele, Caim, e o mesmo Senhor. Caim exige que o *Pai da Fé*, Abraão, peça perdão a seu único filho, cordeiro quase imolado. O Filho de Adão ameaça matar o *Pai da Fé*. O humor aflora, visto que o Anjo do Senhor chegara tarde, por um defeito mecânico na asa. Se Caim não estivesse ali, Isaac estaria morto, já que o Anjo do Senhor é um anjo torto...

No sistema figurativo analisado por Auerbach em seu livro *Figuras*, os episódios do Velho Testamento seriam figuras, sombras, cópias imperfeitas de um modelo perfeito, simulacros, prolepses de acontecimentos perfeitos que ocorreriam no futuro. Segundo o crítico “... todas as pessoas e acontecimentos do **Velho Testamento eram prefigurações do Novo Testamento e de sua história de redenção.**” (Auerbach, 1997: 28.) Neste sistema figurativo, cada acontecimento tinha uma importância em si e apontava para outro maior no futuro. Assim, o sacrifício de Isaac por Abraão tinha o primeiro sentido: o salto da fé absoluta que não questiona, somente crê, mas era uma sombra de um modelo perfeito que ocorreria no futuro: Jesus, único filho de Deus sendo sacrificado. O Talmud sugere que Isaac teria 33 anos, quando quase ofertado a Deus, a mesma idade de Jesus quando foi crucificado. O atamento de Isaac no monte Moriá é a prefiguração tipológica da crucifixão no Calvário, há entre os dois fatos um vínculo icônico. Jesus, como modelo perfeito, foi sacrificado, enquanto Isaac, sua sombra não foi. Segundo teólogos, Jesus é mais perfeito e maior que Isaac, porque efetivamente morreu. Levantamos aqui uma questão delicada: até que ponto Abraão já não tinha efetivado o ato quando levantou o cutelo contra o próprio Filho? Até que ponto Isaac

não morreu, mesmo tendo sido salvo na última hora pelo Anjo do Senhor? Feiler, referindo-se a Abraão, afirma que o próprio “Shakespeare não teria criado um personagem melhor.” (Feiler, 2003: 164). Remetemos o leitor ao excelente conto de Julio de Queiroz, intitulado “O Punhal do Livro Deuses e Santos como nós”, publicado no ano 2000.

Caim, ao impedir o sacrifício de Isaac, de certa forma desestrutura o sistema figurativo bíblico, pois assim está impedindo que outro erro aconteça no futuro: o sacrifício do inocente Jesus por seu pai Jeová, desnaturado tanto quando Abraão. Lembremos que no Evangelho de João 8:57-58 Jesus assim respondeu assim aos Judeus que o acusavam de blasfêmia, quando afirmou que conhecia Abraão: Ainda não tens cinquenta anos, e vistes Abraão? **Antes que Abraão existisse, eu sou.**

Se a Bíblia é rica em silêncios, se só relata o essencial, como tão bem estudou Auerbach no ensaio “A cicatriz de Ulisses”, do livro *Mímeses: a representação da realidade na literatura ocidental*, ao contrapor o estilo do narrador homérico, rico em detalhes, ao estilo da narração Eloísta, com suas palavras breves e abruptas, o Velho Testamento de Saramago é rico em detalhes que mais lembram o estilo homérico. O enxuto texto bíblico nada informa sobre o que conversaram Pai e Filho depois da interrupção da tragédia. Saramago recria este diálogo entre o *frustrado verdugo e a vítima salva in extremis*:

Perguntou isaac, **Pai, que mal te fiz eu para teres querido matar-me, a mim que sou o teu único filho**, Mal não me fizeste, isaac, Então por que quiseste cortar-me a garganta como se eu fosse um borrego, perguntou o moço, se não tivesse aparecido aquele homem para segurar-te o braço, que o senhor o cubra de bênçãos, estarias agora a levar um cadáver para casa, A ideia foi do senhor, que queria tirar a prova, A prova de quê, Da minha fé, da minha obediência, **E que senhor é esse que ordena a um pai que mate o seu próprio filho**, É o senhor que temos, o senhor dos nossos antepassados, o senhor que já cá estava quando nascemos, **E se esse senhor tivesse um filho, também o mandaria matar**, perguntou isaac, **O futuro o dirá, Então o senhor é capaz de tudo, do bom, do mau e do pior**, Assim é, Se tu tivesses desobedecido à ordem, que sucederia, perguntou isaac, O costume do senhor é mandar a ruína, ou uma doença, a quem lhe falhou, **Então o senhor é rancoroso**, Acho que sim, respondeu abraão em voz baixa, como se temesse ser ouvido, ao senhor nada é impossível, Nem um erro ou um crime, perguntou Isaac, Os erros e os crimes sobretudo, Pai, não me entendo com esta religião(..). (ibid.: 81-82)

Isaac revela aquilo que já foi denominado *a lógica do paradoxo*: como pode a deidade conter em si o bem e o mal? Caim revela que do Senhor procedem tanto o bem como o mal, *ou do bom, do mau e do pior*. No texto saramaguiano é um assassino que impede que o Pai da Fé sacrifique seu próprio filho, impedindo assim, que no futuro Deus faça o mesmo com Jesus. Reforça-se aqui a colocação de Miles de que o *Senhor Deus não é nenhum santo*. Isaac afirma que Deus *é tão cruel como baal que devora os seus filhos* e que *o Senhor enlouquece as pessoas*.

Temos a impressão que estamos assistindo um filme de ficção científica com muita ação, daqueles que só os diretores Hollywood sabem fazer. A composição do livro aponta para a influência do cinema com rápidos cortes. Caim, viajando pelas eras e chegando nos

momentos extremos da narrativa do Livro dos Judeus. Na série televisa *O Túnel do Tempo*, os dois cientistas nunca conseguem alterar o passado, já que ninguém acredita que eles vieram do futuro. Já em *Caim*, o viajante do tempo altera os acontecimentos, ou pelo menos altera os detalhes dos acontecimentos bíblicos. Só que estes detalhes dão uma nova dimensão ao texto bíblico e seus doloridos silêncios. Em *Caim*, Abraão tenta sacrificar seu filho tal como no texto bíblico, mas a intervenção que salva a vida do inocente, não é divina e sim humana. Um assassino é mais justo que o Pai da Fé.

O autor afirmou em entrevista que escreveu o romance em menos de quatro meses: “Estava em uma espécie de transe. Nunca havia me sucedido tal coisa, pelo menos com essa intensidade, com essa força”<sup>10</sup>.

É isto: o romance é um transe alucinógeno de Caim pelas paisagens e passagens centrais do Velho Testamento.

Do episódio de Abraão e Isaac, Caim retrocede no tempo e chega à confusão de língua causada por Deus porque os homens resolveram construir a Torre de Babel. Desde o começo dos tempos, o homem sonhava em chegar aos céus. A passarola do Gênesis atendia pelo nome de *Torre de Babel*... Caim não entende porque o Senhor está triste com tão grande obra humana:

**O ciúme é o seu grande defeito**, em vez de ficar orgulhoso dos filhos que tem, preferiu dar voz à inveja, está claro que o senhor não suporta ver uma pessoa feliz. (ibid.: 86)

O ciúme do Senhor já havia sido apontado por Feiler em obra já mencionada, quando afirma que o humano é o ponto central do projeto de Deus. Deus precisa dos seres humanos, mas Adão preferiu Eva, Noé preferiu o vinho, e os homens o desafiaram construindo sua própria torre. Em *Caim*, o ciúme de Jeová é extremado. Por meio de um furação, não deixa pedra sobre pedra da grande obra dos homens. Os homens sempre quiseram ser como deuses, desde que saíram do paraíso, no entanto, o Senhor não suporta isto. Feiler afirma que “Deus não quer ser ameaçado. Quer ser imitado. Quer ser amado” (Feiler, 2003: 33). Não só Deus, mas Maomé, Buda, Shiva, Xangô, Osíris, Tupã e toda a imensa galeria de deuses criados pelos homens. Já Miles, afirma que a onipresença de Deus é apenas outro nome para sua solidão (Miles, 1995: 450).

O narrador termina o capítulo com uma triste constatação “A história dos homens é a história dos seus desentendimentos com deus, nem ele nos entende a nós, nem nós o entendemos a ele” (Saramago, 2009: 88).

Caim vai para o futuro, à época da destruição de Sodoma e Gomorra, encontra Abraão antes dele ter o segundo filho Isaac, ouve o patriarca negociando com Deus sobre a quantidade de justos necessários para a não destruição de Sodoma e Gomorra. Aqui ficam duas dúvidas

<sup>10</sup> <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,saramago-redime-caim-em-seu-novo-romance,425649,0.htm>, consultado em 30/01/2012.

não esclarecidas: Porque afinal Ló ofereceu as filhas para serem estupradas e protegeu os anjos, que afinal eram anjos e estranhos? Porque o castigo tão cruel destinado a Mulher de Ló, só por causa de um mísero olhar? E a crítica maior é destinada a Deus, que na destruição das duas cidades, não poupou sequer as crianças: “As crianças, disse caim, aquelas crianças estavam inocentes, Meu deus, murmurou abraão e sua voz foi como um gemido, **Sim, será o teu deus, mas não foi o delas**” (ibid.: 97).

Da época de Abraão ele viaja para o futuro, ao tempo de Moisés. Percebe-se que o leitor exigido por Saramago é um leitor modelo, na concepção de Umberto Eco em *Lector in fabula* (1967), pois deve conhecer muito bem o hipotexto de *Caim*, caso contrário se perderá nas idas e vindas do texto, não entenderá os silêncios, os não-ditos. Caim agora contempla os acontecimentos que envolvem a subida de Moisés ao Monte Sinai, e a confecção de um bezerro de ouro, feita pelo assustadiço Aarão que temia os clamores do povo. Moisés ordena que irmão mate irmão, vizinho mate vizinho, amigo mate amigo, israelitas matando israelitas.

**E foi assim que morreram três mil homens.** O sangue corria entre as tendas como uma inundação que brotasse do interior da própria terra, como se ela própria estivesse a sangrar, os corpos degolados, esventrados, rachados de meio a meio, jaziam por toda a parte, os gritos das mulheres e das crianças eram tais que **deviam chegar ao cimo do monte sinai onde o senhor se estaria regozijando com a sua vingança.** Caim mal podia acreditar no que os seus olhos viam. não bastavam sodoma e gomorra arrasadas pelo fogo, aqui, no sopé do monte sinai, ficara patente a prova irrefutável da profunda maldade do senhor, **três mil homens mortos só porque ele tinha ficado irritado com a invenção de um suposto rival em figura de bezerro,** Eu não fiz mais que matar um irmão e o senhor castigou-me, **quero ver agora quem vai castigar o senhor por estas mortes, pensou caim, e logo continuou, Lúcifer sabia bem o que fazia quando se rebelou contra deus, há quem diga que o fez por inveja e não é certo, o que ele conhecia era a maligna natureza do sujeito.** (ibid.: 101)

A crítica e o humor ácido marcam a revisão do Velho Testamento do qual escorre sangue: o Senhor ciumento de um bezerro, três mil mortos em nome de Deus. Aqui também, tal como no *ESJC*, Lúcifer é inocentado de sua rebelião.

Caim foi condenado por ter matado Abel, mas o Senhor destruiu Sodoma e Gomorra e as inocentes crianças, permitiu que três mil israelitas fossem mortos por causa de uma simples imagem fundida. A pergunta que não quer calar, quem castigará o Senhor pelos seus erros? Ele não aparece mais face a face como perante Adão, Eva e Caim, mas escondido numa coluna de fumo. Vergonha? Talvez, pelos inocentes mortos em Sodoma e Gomorra, inocentes que nos remetem aos inocentes mortos por ordem de Herodes, quando Jesus nasce...

O narrador revisa a guerra contra os reis medianitas, a ordem de Moisés, para que os soldados israelitas matassem todas as mulheres casadas e jovens, que guardassem para seu próprio uso as solteiras e os despojos de guerra. Depois disto Caim viaja ao tempo de Josué e à tomada de Jericó, trabalhando no serviço de apoio do exército deste. Na conquista de Jericó, nada é poupado, tudo é destruído: homens, mulheres, crianças e animais. Na concepção de

Caim, os israelitas salvaram a pior de todas as pessoas: Raab, uma traidora do seu povo. E é justamente Raab, a traidora do povo de Jericó, admitida no seio dos israelitas, um povo mal educado pelo Senhor, que apedrejava prostitutas, que se tornou a ancestral de Davi e de Jesus, o Messias. O narrador relata as mortandades na conquista da Terra Santa, que manava leite e mel – só na cidade de Ai foram doze mil mortos para provar que com *o senhor deus não se brinca* –, o apedrejamento seguido de queimação de Acã e toda sua família por ter tomado despojos da cidade de Jericó.

O pedido de Josué para que o Senhor parasse o Sol durante a batalha contra os cinco reis amorreus é rechaçado por Deus, já que o Sol sempre parado esteve e é a terra que gira em torno do Sol, afinal o Senhor não era burro. Mas o Senhor e Josué ensaiam uma pantomima, uma farsa, para que creiam, os do presente e do futuro, que o sol parou realmente porque Deus assim o quis. A mortandade é tanta que Caim toma seu burro e vai embora.

Depois de dez anos peregrinando por diversos tempos, Caim retorna à terra de Nod e reencontra Lilith e seu filho Enoch. Confidencia a ela que tinha o poder, o dom de viajar para o presente e para o futuro. Caim faz um sumário de tudo o que viu e ouviu:

Então caim contou a lilith o caso de um homem chamado abraão a quem o senhor ordenara que lhe sacrificasse o próprio filho, depois o de uma grande torre com a qual os homens queriam chegar ao céu e que o senhor com um sopro deitou abaixo, logo o de uma cidade em que os homens preferiam ir para a cama com outros homens e do castigo de fogo e enxofre que o senhor tinha feito cair sobre eles sem poupar as crianças, que ainda não sabiam o que iriam querer no futuro, a seguir o de um enorme ajuntamento de gente no sopé de um monte a que chamavam sinai e a fabricação de um bezerro de ouro que adoraram e por isso morreram muitos, o da cidade de madian que se atreveu a matar trinta e seis soldados de um exército denominado israelita e cuja população foi exterminada até à última criança, o de uma outra cidade, chamada jericó, cujas muralhas foram deitadas abaixo pelo clangor de trombetas feitas de cornos de carneiro e depois destruído tudo o que tinha dentro, incluindo, além dos homens e mulheres, novos e velhos, também os bois, as ovelhas e os jumentos. (ibid.: 127)

Após esse relato, Caim confessa a Lilith que o criador dos céus e da terra não era um bom Deus, visto a exigência do sacrifício de Isaac, afirma que Deus nunca teve noção do que era justiça humana e que estava rematadamente louco, sem consciência dos seus atos. Caim confirma a tese de Miles, segunda a qual o Senhor Deus não é nenhum santo. Mesmo amando Lilith, Caim não fica em Nod, uma missão maior o espera...

Caim avança na névoa do tempo chegando à época do justo Jó. Ali na terra de Us encontra-se com dois anjos que o reconhecem e rememoram a sua ajuda para com Abraão. Esses anjos afirmam que estão ali para que Satã não se exceda na espécie de partida ferrenha que joga com o Senhor. Essa não é a primeira vez que este episódio é relido na obra de Saramago.

Caim fica perplexo ao saber que Jó é vítima de um acordo entre dois bons jogadores, Deus e o Diabo. Alejandro Maciel, em artigo intitulado “Job o la depravación de la justicia”, já havia apontado para o fato de que, nos céus, fazem-se apostas para o azar de Jó. Em meu

artigo “Jó, quem o tentou? A Onipotência em meio à tempestade contra o verme humano esmagado e rastejante”, defendendo a tese de que o grande vencedor do livro de Jó é Deus, que Jó não é humilde, questiona a justiça de Deus e este responde mostrando seu poder. No primeiro tempo desta partida diabolicamente divina Jó vence; no segundo tempo exaurido, putrefato, Jó vence novamente. Cremos que se fosse preciso o Senhor levaria a partida para prorrogação. Jó, o *último dos últimos*, é ignorante do que se passa no céu sem saber que é o protagonista de um celestial Big Brother filosófico. Parece que a mulher de Ló entende mais da justiça de Deus do que o próprio Ló: “Para o mal estava aí Satã, que o senhor nos apareça agora como seu concorrente é coisa que nunca me passaria pela cabeça (...). O mais certo é que Satã não seja mais que o instrumento do Senhor, o encarregado de levar a cabo os trabalhos sujos que Deus não pode assinar com seu nome” (ibid.: 140).

Em *Caim*, o que acontece entre Jó e os anjos é um verdadeiro debate teológico. Caim não aceita os argumentos dos anjos – *os desígnios do Senhor são inescrutáveis* – relembra para os anjos o episódio de Abraão, os inocentes de Sodoma e a injustiça praticada contra Jó. Para Caim, Deus não ama ninguém. Tudo acontece como tem que acontecer, como o leitor ruminante já deve saber. Caim participa efetivamente dessa insana prova já que trabalha para Jó e é o mensageiro da primeira desgraça que se abate sobre Jó. Novamente aqui, Saramago redime Satanás como já havia feito n’*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*: “**Fi-lo com o teu acordo**, se job o merecia ou não merecia, **não era assunto meu** nem a ideia de o atormentar foi minha” (ibid.: 139).

Do tempo de Jó, Caim retorna para o tempo de Noé, precisava resolver definitivamente sua questão pessoal com Deus.

### 1.5 A Arca de Caim: Exterminado o futuro do judaísmo e do cristianismo

Caim faz agora sua última viagem, depara-se com quatro homens e quatro mulheres construindo um objeto que lembrava uma arca. Enquanto conversava com um homem que descobrira se chamar Noé, Deus aparece e um novo debate filosófico ocorre entre Deus e Caim. Caim acusa Deus de ter destruído as crianças de Sodoma e Gomorra. O Senhor responde: “Não tenho que dar contas se não a mim mesmo (...) sou dotado de uma consciência tão flexível (...)” (ibid.: 149). Caim informa ao Senhor que viaja para o passado e para o futuro. O Senhor responde que, para ele, o tempo não existe e decide encerrar as viagens de Caim dizendo que ele jamais poderá sair daquele vale onde a arca está sendo construída, que o vale seria vigiado por dois querubins. Noé pergunta ao Senhor o que faria com aquele homem: “Leva-o na barca e junta-o à família, terás mais um homem para fazer filhos nas tuas noras, espero que os maridos delas não se importem (...)” (ibid.: 150).

A discussão filosófica entre o Senhor e Caim termina nesta fala:

Que sabes tu do coração de job, Nada, mas sei tudo do meu e alguma coisa do teu respondeu caim, Não creio, os deuses são como poços sem fundo, se te debruçares neles nem mesmo a tua

imagem conseguirás ver, **Com o tempo todos os poços acabam por secar, a tua hora também há de chegar.** O senhor não respondeu (...). (ibid.: 153)

O Senhor informa Caim que havia se arrependido de ter criado o homem por causa das iniquidades deles e por isso resolveu destruir toda a humanidade. Depois passam a discutir assuntos práticos com relação à flutuação da arca no vale ou no mar e o Senhor dá razão aos conhecimentos náuticos de Caim e manda anjos construtores ajudar a exausta família de Noé. Devido à pressa do Senhor, os anjos trabalham animadamente já que no céu tudo era muito chato. Esses anjos elevam a arca, um verdadeiro *zeppelin hindenburg* até o mar. Quando a barca pouso no mar causa um tsunami, iniciando a destruição das pessoas vivas.

No decorrer dos trabalhos na barca, Caim debate a questão da justiça de Deus com os anjos operários e revela um sombrio pessimismo formado das suas *sucessivas viagens aos horrores do passado e do futuro*. Durante quarenta dias a arca flutua no dilúvio prometido e efetivado por Deus. Os argonautas de Jeová têm que esperar cento e cinquenta dias até que a convulsão aquática se acabe. O exterminador do futuro do Judaísmo e do Cristianismo põe em prática seu plano. Um por um as noras e os filhos de Noé vão morrendo por meio de incidentes inexplicáveis. Caim passa a odiar Noé quando este afirma que não é preciso lavar o corpo de uma de suas noras porque a água do mar fará isso. Entre uma morte e outra, Caim relembra seu tempo de garanhão exclusivo de Lilith. Parece que havia um prazer sádico em tentar engravidar as mulheres da arca e depois matá-las. Lá fora o mar cheio de mortos, dentro da barca o barqueiro Caim faz seu trabalho. Conforme o número das mulheres mortas aumenta, Noé aponta para a necessidade de terem que copular mais, ofertando sua própria mulher para Caim. Do ponto de vista de Noé, o fato de Caim estar dormindo com a sua própria mulher é uma *obra pia*. Ao matar as noras, a mulher e os filhos de Noé, de certa forma, Caim sente que está matando o próprio Deus.

Quando Noé percebe que à exceção deles, todos estão mortos, fica desesperado:

E agora, clamava Noé arrepelando o cabelo no mais absoluto desespero, tudo está perdido, sem mulheres que fecundem não haverá vida nem humanidade (...) Deita-te daqui abaixo, disse Caim, nenhum anjo virá colher-te nos seus braços. (...) Foste tu, disse, Sim, fui eu, respondeu Caim, mas em ti não te tocarei, morrerás pelas tuas próprias mãos, E deus, que dirá deus, perguntou noé, **Vai tranquilo, de deus encarrego-me eu.** Noé deu a meia dúzia de passos que o separavam da borda e, sem uma palavra, deixou-se cair. (ibid.: 171)

No dia seguinte a barca toca a terra e Deus chama Noé, sua família e todos os animais para que saiam da arca. A porta se abre lentamente e todos os animais saem, as tartarugas, por último. Transcrevemos abaixo o diálogo final entre criador e criatura:

Noé, noé, porque não saís. Vindo do escuro interior da arca, caim apareceu no limiar da grande porta. Onde estão noé e os seus, perguntou o senhor, **Por aí, mortos,** respondeu caim, Mortos, como, mortos porquê, Menos noé, que se afogou por sua livre vontade, aos outros matei-os eu, Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, é assim que me agradeces ter-te

poupado a vida quando mataste abel, perguntou o senhor, **Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face**, Então a nova humanidade que eu tinha anunciado, Houve uma, não haverá outra e ninguém dará pela falta, **Caim és, e malvado, infame matador do teu próprio irmão, Não tão malvado e infame como tu, lembra-te das crianças de sodoma. Houve um grande silêncio.** Depois caim disse, **Agora já podes matar-me.** Não posso, palavra de deus não volta atrás, morrerás da tua natural morte na terra abandonada e as aves de rapina virão devorar-te a carne, **Sim, depois de tu primeiro me haveres devorado o espírito.** (ibid.: 172)

O Apocalipse não será escrito por João na ilha de Patmos, mas por Caim na porta da Arca dos mortos. Não haverá arco-íris. Caim transforma-se no anjo vingador, vingando-se de Deus, do seu criador, ao exterminar toda a família de Noé. Havia chegado a hora e a vez do Senhor. Caim completara a sua vingança, de assassino de seu irmão Abel, transforma-se agora em assassino do Senhor. Sem humanos, o Senhor está morto! Jeová desaparecerá junto com o último homem da terra: Caim!

Cabe lembrar que segundo o relato de Gênesis 11, Abraão é descendente de Sem, filho de Noé. Ao exterminar todos na barca, fazendo um dilúvio de sangue, incluindo Noé, Caim garante que Abraão, o pai da fé, não existirá e não cometerá as sandices em nome da tal fé.

É como se após escrever o verbete de Jesus no seu desevangelho – *O Evangelho segundo Jesus Cristo* –, Saramago ainda não estivesse satisfeito. Era necessário cortar o mal pela raiz, não permitir a existência do Judaísmo nem do Cristianismo. Não existindo Judaísmo, não existiriam profetas, promessas, messianismo e, conseqüentemente, Cristianismo. Esta é a missão de Caim, o exterminador do futuro de Israel e do futuro dos Cristãos. Se destruísse a criatura criada por *Eu sou o que sou*, Ele não teria sido o que é. Saramago viu o cadáver de Deus no *ESJC*, velou e cremou as cinzas de Deus em *Caim*.

Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, Jesus dá o último suspiro do Gólgota. Em *Nomine Dei*, Deus agoniza e, em *Caim*, Jeová dá seu último suspiro. Caim faz com que a última gota de água do dilúvio elimine antecipadamente o último suspiro do Gólgota. Jesus não precisará dizer *Consummatum est*. Caim é o redentor do Salvador, ele, de assassino, transforma-se no messias! Graças a Caim, Jesus não terá que ir para a cruz.

## Bibliografia

- A BÍBLIA SAGRADA (s/d). Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. revista e corrigida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil.
- ALTER, Robert (1981). *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras.
- ASSIS, Machado de (1962). “Esaú e Jacó”. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- AUERBACH, Erich (1971). *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. de George Sperber. São Paulo: Perspectiva.
- ECO, Umberto (1986). *Lector in Fábula*. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva.
- FEILER, Bruce (2003). *Abraão: Uma jornada ao coração de três religiões*. Trad. Maria Luiza Newlands Silveira. Rio de Janeiro: Sextante.

- FERRAZ, Salma (2008). "Jó, quem o tentou? Deus e o Diabo no meio do redemoinho". In: Congresso Internacional da Abralic, XI. São Paulo. Anais. São Paulo: Abralic, 2008. Não paginado. Disponível em: <[http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/054/SALMA\\_FERRAZ.pdf](http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/054/SALMA_FERRAZ.pdf)>. Acesso em 13 jun. 2010.
- KOLTUV, Barbara Black (1997). *O Livro de Lilit*. Trad. Rubens Rusche. São Paulo: Cultrix.
- MACIEL, Alejandro (2008). *Job o la depravación de la justicia*. Disponível em: <<http://bibliaficcion.blogspot.com/2007/04/job-o-las-mortificaciones-del-justo.html>>. Acesso em 02 jun. 2008.
- MILES, Jack (1997). *Deus – uma Biografia*. 3. reimp. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras.
- PAPINI, Giovanni (1954). *O Diabo*. Trad. Fernando Amado. Lisboa: Livros do Brasil.
- QUEIROZ, Julio (2000). *Deuses e santos como nós*. Florianópolis: Insular.
- SARAMAGO, José (2009). *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1982). *Memorial do Convento*. Lisboa: Editorial Caminho.
- (1984). *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Editorial Caminho.
- (1991). *O evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Editorial Caminho.
- (1947). *Terra do pecado*. Lisboa: Editorial Minerva.

.....

#### **RESUMO**

O presente artigo pretende analisar o embate filosófico e teológico entre Deus e Caim no romance *Caim* de José Saramago publicado em 2009.

#### **ABSTRACT**

This article analyzes the philosophical and theological struggle between God and Cain in José Saramago's novel *Cain* published in 2009.

.....